CENTENÁRIO DA ESCOLA DE APRENDIZES MARINHEIROS DO CEARÁ

ESCORÇO HISTÓRICO

Sob o título de Companhia de Aprendizes Marinheiros, esta Escola foi criada pelo Decreto n.º 3.347, de 26 de novembro de 1864, assinado pelo então Ministro da Marinha, Francisco Xavier Pinto Lima e pelo Imperador Dom Pedro II, e cujo teor é o seguinte:

«**Decreto n.º 3.347, de 26 de novembro de 1864** — Cria uma Companhia de Aprendizes Marinheiros, na Provincia do Ceará, e outra na do Paraná.

Hei por bem, usando da autorização dada no § 6.º, da Lei n.º 4.204, de 13 de maio do corrente ano, criar duas Companhias de Aprendizes Marinheiros, uma na Provincia do Ceará e outra na do Paraná, conforme o regulamento que baixou com o Decreto n.º 1.517, de 4 de janeiro de 1855.

Francisco Xavier Pinto Lima, do meu Conselho, Ministro e Secretário da Marinha, o tenha assim entendido, e faça executar.

Palácio do Rio de Janeiro, em 26 de novembro de 1864, 43.º da Independência do Império.

Com a rubrica de Sua Majestade o Imperador — Francisco Xavier Pinto Lima."

Sòmente foi instalada a 26 de fevereiro de 1865. Funcionou, inicialmente, com um pequeno número de aprendizes, em modesta casa da antiga Rua da Praia, pertencente ao Barão de Ibiapaba.

Transferiu-se, posteriormente, para um prédio, tipo barracão, de propriedade da firma Guston & Cia., situado na Avenida Alberto Nepomuceno, esquina da Rua Pessoa Anta, próximo ao Poço da Draga, antigo pôrto da cidade de Fortaleza, local onde funciona, atualmente, a Secretaria dos Negócios da Fazenda do Estado.

Seu primeiro comandante foi o Primeiro-Tenente Carlos Ramel.

A formação do aprendiz marinheiro compreendia rudimentos do curso primário e os elementos profissionais estritamente necessários ao desempenho dos serviços de bordo. A instrução era ministrada por um professor de primeiras letras e um mestre-escola, escolhido dentre os ex-praças da Marinha.

Para os exercícios profissionais, a Escola possuia apenas uma armação de patacho e duas caronadas de pau.

Já decorridos quase dois anos da deflagração da Guerra do Paraguai, precisava-se de marujos para lutarem em defesa da Pátria, razão por que, providenciada a ampliação das instalações didáticas, foi o efetivo da Escola acrescido para 300 aprendizes.

Com a nomeação dos Padres Carlos Antônio Barreto e Vicente Godofredo Macaíba para professôres, em 1885; com a introdução das aulas de sinais e táticas de escaleres, orientadas pelos livros, respectivamente, do então Capitão-de-Fragata José Cândido Guilhobel, do Capitão-de-Mar-e-Guerra Eduardo Wandenkolk, em 1886; e com a vinda do patacho Paquequer, comandado pelo Primeiro-Tenente Luiz de Azevedo Cadaval e pôsto à disposição do comando da Escola, em 1889, foi que esta começou a experimentar o seu mais sensível progresso.

Daí então, constantes cruzeiros, ora até às barras de Camocim e Aracati, ora ao mar largo, exercitavam os aprendizes na manobra do pano, além de aprimorá-los na vida do mar, proporcionando-lhes, ao mesmo tempo, desenvolvimento físico, adestramento técnico e o senso de responsabilidade.

Em 1889, foi organizada a primeira banda de música, pelo então comandante, Capitão-Tenente Alexandrino Faria de Alencar, sendo os instrumentos oferecidos pelo comércio local, e, em meados de dezembro do mesmo ano, a Escola recebeu o primeiro exemplar da Bandeira da República.

Em face de a Escola estar recebendo, das autoridades policiais, jovens oriundos de baixa classe social, enveredados pela porta larga dos vícios e dos crimes, os quais perturbavam a disciplina, o Ministro da Marinha recomendou ao comandante não os recebesse mais.

Já com denominação de Escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará, com a promulgação do nôvo Regulamento das Escolas, imprimiu-se certo rigor na seleção dos candidatos e foram nomeados alguns professôres normalistas, conhecedores dos princípios de pedagogia e didática, advindo, desta maneira, grande aproveitamento para os discentes.

Em 1913, sendo comandante o Capitão-Tenente Miguel de Castro Caminha e subcomandante o Primeiro-Tenente César Augusto Machado da Fonseca, foram realizados os seguintes melhoramentos: pintura d'água de tôdas as dependências do prédio, forramento a lona dos tetos do refeitório dos aprendizes, praça de armas e corredor lateral, bem como aquisição de nôvo mobiliário, de utensílios de copa e cozinha e de materiais didáticos.

Em 1920, sob o comando do Capitão-Tenente César Augusto Machado da Fonseca, foram efetivados notáveis melhoramentos, destacando-se a instalação, no prédio da Escola, da residência do comandante; o aumento de quatro para seis, dos camarotes para oficiais; a substituição de luz a gás pela luz elétrica, a montagem de bomba com motor elétrico, abastecimento d'água para o andar superior e a colocação de pias em várias dependências etc.

Até 5 de novembro de 1931, a Escola funcionou ininterruptamente, quando, pelo Decreto n.º 20.607, de 5 de novembro de 1931, foi extinta, e todo o seu material e demais pertences distribuídos pelas demais Escolas do País, Depósito Naval e Arquivo da Marinha. Foi seu último comandante o então Capitão-Tenente Mário Hecksher.

Pelo Aviso n.º 4.366, de 23 de dezembro do mesmo ano, e telegrama n.º 15, de 13 de fevereiro de 1932, do Ministro da Marinha, foi o prédio cedido a título precário, ao Govêrno do Estado do Ceará.

Ao ato da entrega compareceram as seguintes autoridades: Capitão-de-Corveta Mário Hecksher, Capitão-dos-Portos e representante do Exmo. Sr. Ministro da Marinha; Desembargador Olívio Dornelas Câmara, Secretário dos Negócios do Interior e Justiça e representante do Exmo. Sr. Interventor Federal, Capitão Roberto Carneiro de Mendonça; Dr. Francisco de Alencar Matos, Procurador Regional da República; Intendente Naval, Primeiro-Tenente Eduardo Bezerril Fontenele e João Pio de Farias, Secretário da Capitania dos Portos.

Em maio de 1939 o Exmo. Sr. Ministro da Marinha solicitou do Govêrno do Estado, por intermédio do Sr. Capitão-de-Corveta Platão Moreira Machado, a entrega do referido imóvel.

Em 1940, por ordem do Sr. Ministro da Marinha, Vice-Almirante Aristides Guilhem, foi restaurada a Escola, voltando a funcionar em suas antigas instalações.

A 26 de maio dêsse ano, no salão nobre desta Escola, realizou-se a cerimônia de entrega, a cujo ato solene compareceram as seguintes autoridades: Dr. Francisco de Menezes Pimentel, Interventor Federal do Estado do Ceará; Capitão-Tenente Luis Clóvis de Oliveira, comandante da futura Escola e representante do Exmo. Sr. Ministro da Marinha; Mons. Otávio de Castro, representante do Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, D. Manuel da Silva Gomes; Dr. Antônio de Andrade Furtado, Secretário dos Negócios do Interior e Justiça; Capitão Manuel Cordeiro Neto, Secretário da Segurança Pública; Dr. Mozart Catunda, Secretário interino da Fazenda e Agricultura; Capitão-de-Corveta Platão Moreira Machado, Capitão-dos-Portos; Dr. Raimundo de Alencar Araripe, Prefeito de Fortaleza; Dr. Francisco de Alencar Matos, Procurador Regional da República e Coronel Vidal Pessoa, Comandante do 23.º Batalhão de Caçadores.

Concluída a solenidade, efetuou-se o protocolo do lançamento da pedra fundamental da residência do comandante.

Nesse segundo período de vida da Escola, nessa sua fase de renovação, foi seu primeiro comandante o então Capitão-Tenente Luis Clóvis de Oliveira. Recaiu-lhe sôbre os ombros a responsabilidade de reorganizá-la e reencetar o curso de sua trajetória brilhante, interceptada por mais de oito anos.

Até 1931, seu funcionamento foi quase obscuro e pouco conhecido do público. De 1940 para cá, começou a fase de seu considerável progresso. Com sua fulgurante inteligência, o Comandante Luis Clóvis de Oliveira traçou novos rumos e imprimiu-lhe um cunho de alta finalidade patriótica, que se vem desenvolvendo a passos agigantados, com os operosos comandantes que nela se sucedem, de dois em dois anos. Durante a sua administração, realizou-se o primeiro concurso para professôres, tendo sido nomeados os Drs. Reinaldo Carleial, José Marcelo de Alcântara Pinto e Pedro Paulo Oriano Menescal.

Nesse segundo período, doze oficiais já perlustraram o comando de nossa Escola, exercendo administrações fecundas, empregando o melhor dos seus esforços e envidando o maior empenho para deixar melhoramentos cada vez mais condizentes com o avanço científico de nossa Marinha.

Conforme Portaria n.º 648, de 14 de março de 1947, assinada pelo então Ministro da Marinha, Almirante-de-Esquadra Silvio de Noronha, foi criada a Capelania da Escola, sendo, logo, provida pelo Capelão Pe. José Theógenes Gondim, no pôsto de Capitão-Tenente, o qual continua exercendo o seu ministério junto a ela.

Seu atual comandante é o Capitão-de-Fragata Audízio de Oliveira Pombo.

Até hoje, já receberam instrução em nossa Escola mais de 7.000 jovens que, espalhados por todos os recantos de nossa Pátria, enobrecem e dignificam as instituições nacionais. São oficiais, sargentos, cabos e marinheiros que desempenham funções importantes no cenário da vida e desenvolvem atividades nos vários setores da administração pública e privada do País, sendo, portanto, úteis à sociedade e à Pátria.

(Transcrito da "Revista Marítima Brasileira", ns. 10-12, referentes a outubro-dezembro de 1964.)